



Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 IBovespa nos últimos dias	Na sexta-feira	Dólar	Últimos	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
0,47% São Paulo	1,23% Nova York		16/outubro 19/outubro 20/outubro 21/outubro 22/outubro	5,073 5,048 5,018 5,027 5,039	R\$ 1.621	Comercial, venda na sexta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
		R\$ 4,992 (- 0,92%)				R\$ 5,589	13,65%	13,54%	Maio/2026 Junho/2026 Julho/2026 Agosto/2026 Setembro/2026
									0,58 0,16 0,07 -0,32 0,82



Muitas promessas e problemas fiscais

Impacto das principais medidas populistas anunciadas pelos candidatos à Presidência aumenta em muito o rombo das contas públicas em 2027, segundo cálculo da economista Mônica de Bolle. Hoje, a dívida pública está em 82,9% do PIB

» ROSANA HESSEL

Apesar de prometer um corte entre R\$ 200 bilhões e R\$ 250 bilhões nas contas públicas, o candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL) tem feito promessas populistas em seus discursos e debates que, somadas, já comprometeram esse ajuste. A agenda de novos custos anula o ajuste prometido, pois devem superar meio trilhão de reais e, com isso, elevar a dívida pública para mais de 90% do Produto Interno Bruto (PIB).

Esses números foram estimados, a pedido do **Correio**, pela economista Monica de Bolle, pesquisadora senior do Peterson Institute for International Economics (PIIE), sediado em Washington. O cálculo, que considera os principais anúncios de renúncia fiscal de Flávio, como o Vira-Pix, a retomada do Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos (Perse), e a volta da desoneração da folha, aponta para algo perto de R\$ 550 bilhões. “Como não há explicação clara, essa estimativa é meio conservadora, o impacto no resultado primário pode variar de R\$ 460 bilhões a R\$ 545 bilhões em 2027”, alertou.

A economista ressaltou que essas medidas anunciadas pelo candidato, em vez de reduzir o endividamento público, vai aumentar ainda mais, porque farão a dívida pública bruta estimada pela Instituição Fiscal Independente (IFI) para dezembro deste ano, de 86,4% do PIB, saltar para 90% no fim de 2027. Contudo, essa fatura ainda pode ser maior, porque não foi incluído, por exemplo, o congelamento de dívidas por um ano — porque não há explicações se serão apenas as dívidas atrasadas, que somam R\$ 300 bilhões, ou também outras dívidas das famílias de endividados.

Com base nesses números, de Bolle alertou para os planos

Divulgação/Campanha Flávio Bolsonaro



Em encontro com artistas, o candidato prometeu retomar o Perse, programa de desoneração concedido ao setor de eventos durante a pandemia

econômicos inconsistentes de Flávio e sua equipe liderada pela administradora Daniella Marques, ex-presidente da Caixa Econômica Federal e braço-direito do ex-ministro da Economia, Paulo Guedes. O ex-ministro prometeu arrecadar R\$ 1 trilhão com privatizações, a promessa virou piada, porque ele não conseguiu cumprir essa promessa nem a arrecadar outro R\$ 1 trilhão com a venda de imóveis da União.

Para conseguir entregar um superavit primário de pouco mais de R\$ 50 bilhões, em 2022, o governo anterior deu um calote nos

precatórios (dívidas judiciais que não cabe recurso), e a conta desses atrasados vem sendo paga pelo atual governo após acordo com o Supremo Tribunal Federal (STF).

“Populismo controlado”

A pesquisadora do PIIE reconheceu que o programa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) também tem problemas, com várias medidas populistas que estão piorando o quadro fiscal para 2027. Mas, apesar disso, ainda há previsão de um ajuste

fiscal “gradual e modesto”. Estimativas da Warren Investimentos até a semana passada, por exemplo, indicam que as recentes medidas anunciadas por Lula, desde o reajuste do Bolsa Família, devem gerar efeitos fiscais agregados de R\$ 195,6 bilhões em 2027.

Na avaliação de Monica de Bolle, as medidas sinalizadas por Flávio podem ser muito mais perigosas para as contas públicas do que as adotadas pelo pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro em 2022, e também do que as da candidatura petista.

“O Lula vai fazer um populismo fiscal controlado. O Flávio Bolsonaro vai fazer um populismo fiscal completamente fora dos eixos. E isso resulta em inflação na veia”, afirmou De Bolle. “O que eu acho importante nessa comparação é que as medidas prometidas por Flávio vão resultar em inflação, e tem origens que vão piorar o quadro fiscal. Estamos vendo uma disputa entre o populismo controlado versus o populismo absolutamente refreado sem medo de ser feliz”, acrescentou.

Bolsa fecha em alta

Após movimentos contidos pela manhã, o Índice da B3, Ibovespa se firmou alta e renovou máxima na segunda etapa do pregão. Segundo operadores, houve uma rodada final de alocações antes das eleições mirando uma eventual vitória de Flávio Bolsonaro (PL), visto pela maioria do mercado financeiro como mais favorável a um ajuste nas contas públicas.

As pesquisas eleitorais seguiram mostrando reação da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), mas a cautela que dominou as mesas de negociação na semana e pela manhã acabou sendo substituída pelo “medo de ficar de fora” caso haja um novo rali após o segundo turno.

Assim, o Ibovespa subiu 0,47%, aos 205.082 pontos, com giro financeiro de R\$ 30,7 bilhões. Na semana dominada por cautela com eleição, cedeu 0,17%, mas acumulou avanço de 10,06% em outubro e de 27,28% em 2026.

Dólar

O dólar à vista, por sua vez, se firmou em baixa nas duas últimas horas do pregão e rompeu o piso de R\$ 5,00, encerrando nos menores níveis desde 9 de outubro. O real exibiu o melhor desempenho entre as principais moedas globais, em dia marcado por sinal predominante de alta da moeda americana no exterior.

O dólar à vista terminou o pregão em queda de 0,92%, a R\$ 4,99 — menor valor de fechamento desde o dia 9 de outubro (R\$ 4,98), quando o mercado ainda vivia a euforia da vitória de Flávio no primeiro turno.

IPCA-15 fica abaixo das expectativas

» PEDRO JOSÉ BORGES

Um dos pontos fracos da campanha do presidente e candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva, a inflação segue acima da meta. É o que mostra o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15), considerado a prévia da inflação oficial, divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O indicador ficou em 0,32% em outubro, colocando a inflação acumulada em 12 meses subiu em 4,62%, acima, portanto, do teto de 4,5%. Nos dez meses de 2026, o índice acumula alta de 4,15%.

Para o economista Gustavo Rostelato, da Armor Capital, o resultado ficou abaixo das expectativas tanto no índice cheio quanto na média dos núcleos de inflação. Ele pondera, porém, que boa parte da surpresa foi explicada pela queda das passagens aéreas, que reverteram parte significativa da

alta registrada no mês anterior.

“Embora a melhora do indicador tenha sido concentrada em componentes de maior volatilidade, os demais itens não apresentaram sinais adicionais de deterioração. Dessa forma, avaliamos que a divulgação não deve provocar revisões significativas nas expectativas de inflação”, afirma.

Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE, oito registraram alta em outubro. Alimentação e bebidas apresentou a maior variação e o maior impacto sobre o índice, com avanço de 0,88% e contribuição de 0,19 ponto percentual. O resultado acelerou em relação a setembro, quando o grupo havia subido 0,40%.

A alimentação no domicílio aumentou 1,01%, pressionada principalmente pelo tomate, com alta de 24,54%, e pela cebola, que ficou 13,63% mais cara. Também tiveram aumentos a batata-inglesa (10,96%) e o arroz (5,80%). Em contrapartida,

houve queda nos preços da cenoura (-10,67%), das frutas (-1,37%) e do café moído (-1,16%). A alimentação fora do domicílio avançou 0,56%, com aumentos nas refeições e nos lanches.

Em Transportes, a variação foi de 0,05%. Os combustíveis aceleraram de 0,22% em setembro para 1,20% em outubro, com altas do óleo diesel (3,70%), do etanol (2,73%) e da gasolina (0,92%). No sentido contrário, as passagens aéreas recuaram 9,24%, representando o principal impacto negativo individual do mês, de -0,08 ponto percentual.

O grupo Habitação registrou queda de 0,10%, influenciado pelo recuo de 0,89% na energia elétrica residencial. O resultado refletiu a mudança da bandeira tarifária amarela para a verde, sem cobrança adicional, além da incorporação de recursos da repactuação do Uso do Bem Público (UBP) em Fortaleza. Já o gás de botijão subiu 1,28%, enquanto o aluguel residencial avançou 0,28%.

Entre os demais grupos, Despesas pessoais apresentou alta de 0,55%, influenciada por cinema, teatro, concertos e pacotes turísticos. Vestuário subiu 0,53%, Comunicação avançou 0,43% e Artigos de residência aumentou 0,28%. Saúde e cuidados pessoais registrou alta de 0,15%, enquanto Educação teve variação positiva de 0,09%.

Para Vitor Kayo, economista sênior da Nomad, o resultado abaixo das estimativas não elimina as preocupações com a trajetória dos preços. Nesse cenário, Kayo avalia que o Banco Central tende a manter o ritmo gradual de redução da taxa básica de juros, com corte de 0,25 ponto percentual na próxima reunião. “Com a inflação acima do teto da meta, o mercado de trabalho aquecido e as expectativas acima da meta, o Banco Central deve seguir cauteloso. A incerteza fiscal em torno do próximo governo reforça essa postura”, afirma.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Alimentação no domicílio aumentou 1,01%, pressionada pelo tomate